

**A INTEGRAÇÃO GEOLINGÜÍSTICA
ATRAVÉS DO ATLAS LINGÜÍSTICO GUARANÍ-ROMÁNICO¹⁶**

Klaus Zimmermann (Universität Bremen)

(Tradução de José Pereira da Silva)

jpsilva@filologia.org.br

DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. *Atlas lingüístico guaraní-románico.* Directores: Harald Thun, Almidio Aquino, Wolf Dietrich, Haralambos Symeonidis. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano. Kiel: Westensee Verlag (Dialectologia pluridimensionalis Romanica 11), 2009.

Depois de quinze anos de trabalho teórico e empírico, publica-se o primeiro tomo do *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)*. Trata-se de um atlas linguístico que tem objetivos muito mais ambiciosos e menos etnocentristas do que todos os atlas publicados anteriormente no mundo hispânico. Devido à observação evidente de que a região que se quer documentar é uma região não monolíngue, os diretores se propuseram elaborar um atlas que descrevesse a situação linguística dada, caracterizada pela coexistência de duas línguas: o espanhol e o guarani paraguaio. Seu objetivo é documentar o bilinguismo na zona estudada "a macrorregião antropológico-cultural da bacia do rio da Prata". Ao contrário de todos os outros atlas, este prepara o território a ser documentado, não conforme as fronteiras nacionais ou de regiões dentro de um país, mas obedecendo à distribuição da língua guarani, língua ameríndia, majoritária no Paraguai. Por isto, o espaço se compõe do Paraguai e zonas limítrofes da Argentina e do Brasil. Foram pesquisadas setenta e duas localidades paraguayas, vinte e nove argentinas e três brasileiras.

Vale dizer que esta decisão teórica constitui a contribuição inovadora deste atlas e explica por sua vez alguns problemas práticos para resolver durante o trabalho de coleta e apresentação dos dados em forma de atlas.

De acordo com a decisão teórica foram tomadas algumas decisões

¹⁶ Tradução da resenha de Klaus Zimmermann publicada na *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, vol. 8, n. 2 (16), p. 239-242, 2010, por José Pereira da Silva. O original espanhol está disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41678460>>.

metodológicas e práticas. Foram escolhidos somente informantes que falassem guarani, entre os quais a maioria era bilíngue guarani-castelhano. Foram descartados os falantes monolíngues de língua castelhana. Com isso se pode documentar o grau de bilinguismo (no caso deste primeiro tomo, o domínio de um campo semântico-lexical determinado). Os mapas C e D (páginas XXXV e XXXVI) oferecem a informação sobre a quantidade de bilíngues e a vitalidade das duas (três) línguas em cada ponto pesquisado.

A metodologia escolhida para a coleta de dados sobre o conhecimento ativo e receptivo de um lexema se baseava em um questionário. Entretanto, não se pode detectar o uso diferenciado dos lexemas de duas línguas em uma situação comunicativa determinada. Mas isto não pode ser o objetivo realista de um atlas, porque ele tem certa limitação própria de seu método de apresentação.

Os diretores decidiram também por uma metodologia "pluridimensional". Baseado no reconhecimento da variação linguística e da hipótese de que este pode se relacionar com certos fatores extralinguísticos, consideraram pertinente a variação dialingual, diatópica, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial. Dizem que esta se baseia na teoria de Eugenio Coseriu, amplificada por Herald Thun. No entanto, a reagrupação de Thun contradiz em parte ao sistema da conhecida teoria variacional de Coseriu, cuja meta era a de reduzi-la às três dimensões diatópica, diafásica e diastrática. É preciso dizer que já em 1982 Muriel Saviile Troike (*The Ethnography of Communication*) havia proposto um sistema mais amplo, semelhante ao de Thun, incluindo a dimensão dialingual (e uma diarreligiosa, a que sem dúvida seria pertinente também no Paraguai, pela população menonita, que fala um dialeto alemão e o guarani). A dimensão diafásica (situacional) de Coseriu não foi considerada sistematicamente. A variável idade, que, neste caso, não se considera como parte da variação diafásica em Coseriu, mas, como na teoria de Labov, como eventual indicador de mudança linguística, se sobrepõe às demais. A diassexual, que também é parte da variação diafásica no esquema de Coseriu, não se processa sistematicamente na simbologia do *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)*.

A dimensão de contato linguístico – elemento importantíssimo na zona estudada – se manifesta nos mapas paralelos: de fato, o bilinguismo se apresenta no *ALGR* como dois atlas em um: um do guarani e outro do castelhano e português. Cabe ao leitor tirar as conclusões sobre os processos de translíngualização (conhecimento de lexemas de ambas as línguas,

ou transferência, ou interferência) de cada conceito documentado. A apresentação da dimensão dialingual do léxico em um formato de atlas não pode dar conta da forma de língua mista ou diversas variedades mistas, geralmente reunida sob o termo *yopurá*. Não se trata de uma crítica, mas de um simples esclarecimento: não é um atlas do léxico do jopará. Para isto, haveria de ser estudado detidamente cada indivíduo entrevistado e seu comportamento linguístico, tarefa que vai além das possibilidades do enfoque de um atlas.

A pluridimensionalidade se manifesta de maneira diferente no atlas. A representação do fator diatópico é evidente em um atlas, porque esta é sua razão de ser. A representação dos fatores diastráticos e diageracional se manifesta em uma simbologia em cada ponto local. Simbologia esta que parece revelar um estado de teoria incipiente, baseada na de Coseriu, que permite distinguir quatro tipos de informações, duas classes sociais e dois grupos geracionais, além de documentar grande número de fenômenos. A redução a duas classes sociais apenas (alta e baixa, segundo o nível de escolaridade) e a dois grupos etários (15-35 e 35+) não é justificada explicitamente. Mesmo considerando que vastas zonas do território estudado sejam espaços rurais, não parece evidente que esta binarização reflita realmente a estratificação sociolinguística e etariolinguística. No entanto, comparada com outros atlas em que não se dá esse tipo de informação, esta diferenciação simplificada ainda é vantajosa. Mas também não se pode descartar a hipótese de que esta simplificação resulte de necessidades práticas do método de apresentação do atlas. A simbologia estabelecida não permite a inclusão de variações simplificadas. Por isto, os resultados da coleta de outros fatores se apresentam fora dos mapas geográficos, em gráficos de frequência e em notas explicativas que os autores chamam de "desrealização" do método de apresentação.

O questionário se baseou na lista de palavras/conceitos guaranis, e a primeira pergunta focalizou o conhecimento desta língua. A coleta de palavras castelhanas e portuguesas foi feita depois; uma sequência muito acertada na situação dada da existência de uma maioria de falantes do guarani. Provém deste fato a estrutura da sequência dos mapas: apresentam-se paralelamente, colocando-se primeiro o mapa guarani.

Há quatro tipos de mapas: o protótipo é o que indica a localização de um lexema com sua intensidade de uso/conhecimento por classe social e geracional. Para certos lexemas, não foi possível conseguir esta informação detalhada. Para isto, configurou-se um segundo tipo de mapa simplificado que simplesmente documenta a presença ou ausência do lexema.

Um terceiro tipo de mapa oferece informação sobre a ocorrência seletiva do lexema e um quarto tipo dá testemunho da coocorrência total (com um novo tipo de informação).

Além dos mapas (e suas informações adicionais na página em que aparece), há páginas adicionais que documentam atitudes e posturas dos informantes, inclusive comentários dos informantes. Este tipo de informação não participou da teoria inicialmente proposta, por isto, não foi registrado sistematicamente, porque resultou de iniciativa dos informantes. É digno de louvor o fato de não haver deixado de lado esse tipo de informação, embora tenha sido documentado de forma esporádica. Além disso, nessa sessão, encontram-se observações dos entrevistadores que podem detalhar uma ou outra informação ou problema de método (a corrigir no futuro).

É necessário estudar cuidadosamente as instruções de uso que explicam a estrutura dos mapas/páginas. Como se disse, as informações ultrapassam o formato do mapa. Cada mapa inclui informação adicional não estabelecida. Por um lado, isto facilita a leitura (ponto comum em cada lexema), mas, por outro, dificulta, às vezes, sobretudo nos mapas tipo ocorrência total, onde se emprega uma simbologia (círculos negros, brancos e parcialmente negros) muito semelhante à simbologia usada para representar a classe social e geração, mas com um sentido totalmente diferente. Isto causa certo desconforto ao leitor. Para evitar essa confusão na leitura, teria sido fácil, por exemplo, criar uma figura retangular.

No total, foram recuperados 400 conceitos básicos derivados do guarani, além de subcategorias e sinônimos deles. Em parte, referem-se a conceitos de relevância cultural ou social paraguaia/guarani. Assim, foram recolhidas as designações de "raças" e mestiçagens (mapas 14-18) (por exemplo, *ka'aguygua pire* / a pele escura, mas não negra; *pire hüetéva* / mestiço). São incluídas não somente partes do corpo, como diz o título do tomo, mas também enfermidades da pele (verruga, cicatriz, acne, abscesso, furúnculo), incapacidades (*hembe tatitiva* / pessoa com lábio leporino, surdo, mudo, cego) e formas do corpo. o que parece estranho é que as designações das partes sexuais do corpo não estão incluídas na lista inicial do questionário, sabendo-se que elas gozam, em grande parte das línguas e culturas, de uma rica variação disfemística e eufemística por serem tabuízadas. A seleção dos conceitos não parece estar bem contextualizada de acordo com a cultura paraguaia. Pode ser que nos próximos tomos, que tratam de coisas e costumes, esta parte do léxico esteja melhor representada. Diante dessas considerações, admite-se que os diretores optaram por

uma lista de lexemas que permita a comparação com outros atlas que se-
guem a mesma lista de conceitos.

Sabe-se que a apresentação de dados linguísticos em forma de atlas constitui um enorme desafio, visto que cada mapa contém tantos dados que poderia ser um artigo escrito, ou um capítulo de livro. A possibilidade de erros é altíssima e os detalhes de correção para evitá-los são muitos. Em geral, a edição é de alta qualidade, e pouquíssimos erros são encontrados. Por exemplo, no mapa C (p. XXXV) falta uma coluna no gráfico estatístico "distribuição pelos grupos-padrão" para o grupo CbGII.

Resumidamente, podem ser mencionados três aspectos do *ALGR*:

1. Sem dúvida, o *ALGR* constitui um avanço decisivo na teoria e na metodologia dialetológica, considerando que muitos países estão caracterizados pela existência de duas ou mais línguas.

2. É de alta importância a nível de política linguística, que as duas línguas tenham sido consideradas. Não se pode esquecer que até o momento, todos os "atlas linguísticos" hispano-americanos simplesmente eliminaram de sua abrangência as línguas não românicas (apenas as mencionam em seus prólogos).

3. O *ALGR* constitui a primeira recolha sistemática de uma zona linguística ampla de índole ameríndia e oferece grande quantidade de informações da variação e disponibilidade sobre as línguas consideradas. Não há nada similar em outro país. Neste sentido, é um trabalho exemplar para atlas futuros de outras regiões, com as devidas adaptações teóricas e metodológicas para cada caso.

Klaus Zimmermann
(Universität Bremen)